

.....

## *As feitorias*

*Franceses, ingleses, holandeses, espanhóis e portugueses*

# P

erdido no Mar Oceano, um pequeno navio, quando em vez, aproa nestas bocas de rio. São corsários, arrastados na busca de ganhos rápidos, sem lei nem rei. Aqui encontram índios cordiais. Encontram paus de tinta, madeiras preciosas, algumas pedras, animais e lendas. Vão de volta à Europa. Quem sabe voltam? Mas não vêm para ficar.



Van Keulen, 1683;

*a extração do pau-brasil e a mão de obra indígena  
eram os maiores atrativos do Brasil e da região amazônica*

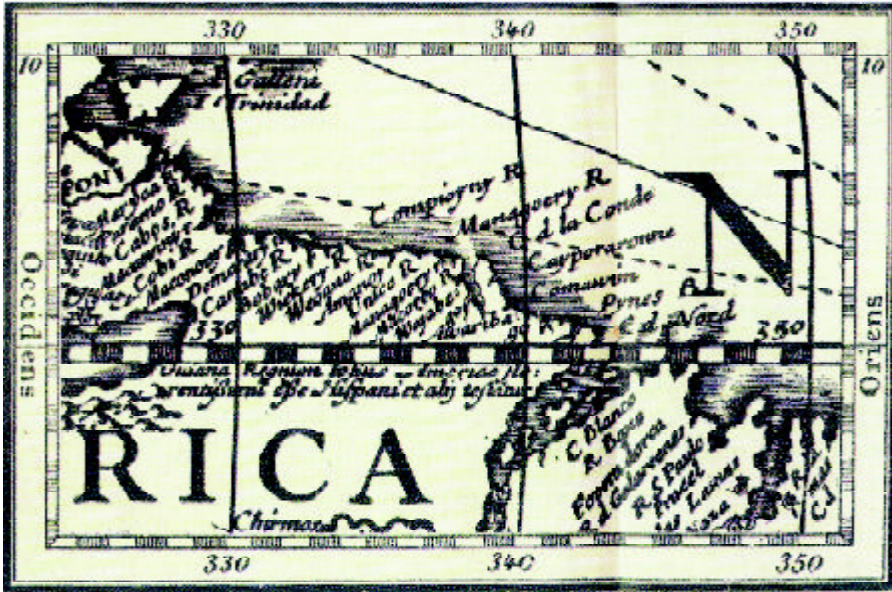
Assim por volta de 1546 Luís de Melo da Silva explora, com sua pequena caravela, o Amazonas — isto é a boca do Amazonas. De lá deve ter seguido pela costa da Guiana, já que chega a ilha Margarita. Em 1553 obtém do rei D. João III (1521-1557) capitania na entrada do grande rio (não se conhecem os documentos originais, mas há antiga menção desta carta de concessão). Mas não dá mais sorte que Orellana: afunda na entrada do Pará em 1554.<sup>33</sup>

Outros portugueses devem ter explorado a região. O barão do Rio Branco chama a atenção para o fato de as primeiras cartas holandesas da região assinalarem, em português, o *Cabo do Norte*.<sup>34</sup>

Os franceses costumavam visitar a costa brasileira entre o cabo de São Roque e a Angra dos Reis, isto é a mais fácil e acessível. Em 1583 dois capitães franceses disseram a sir Walter Raleigh conhecer o Maranhão, mas nunca se saberá se tratava do Maranhão ilha ou do Maranhão rio. Em 1594 alguns navios conduzidos por Jacques Riffault chegam ao Maranhão. Aí deixam um curioso personagem, Charles des Vaux, habitando entre os indígenas.<sup>35</sup>



Thévet, 1575



Keer, 1614,

como mostrado por Rio Branco na Memória...  
que preparou para defender e conseguir fixar a fronteira no Oiapoque

Os ingleses Sir Walter Raleigh, em 1595, e Sir Robert Dudley, em 1594-1595 visitam o Orinoco mas não chegam ao futuro Amapá<sup>36</sup>. Mas em 1596 Lawrence Keymis, enviado por Raleigh, explora o estuário do Amazonas, e do Araguari ao cabo do Norte, depois a costa da Guiana até o Orinoco<sup>37</sup>. É Keymis quem faz conhecer o rio de Vicente Pinzón como *Oiapoque*, seu nome indígena. Ao futuro cabo Orange dá o nome de *cap Cecyll*. Ainda por conta de Raleigh, Leonard Berrie explora em 1597 do Cabo Norte ao Orinoco<sup>38</sup>.

Charles Leigh chega em 22 de maio de 1604 à margem esquerda do Oiapoque, toma posse em nome do rei da Inglaterra, James I. Funda então a colônia de Principium no monte Caribote (Lucas) que existe até 1606. Como Nazaré ela desaparece. Mas Robert Harcourt cria no mesmo lugar nova colônia; esta resiste entre 1608 e 1611; em 1617 é restabelecida por Edward Harvey. Michel Harcourt e Harvey exploram o baixo Araguari em 1608. Robert Thornton explora a costa

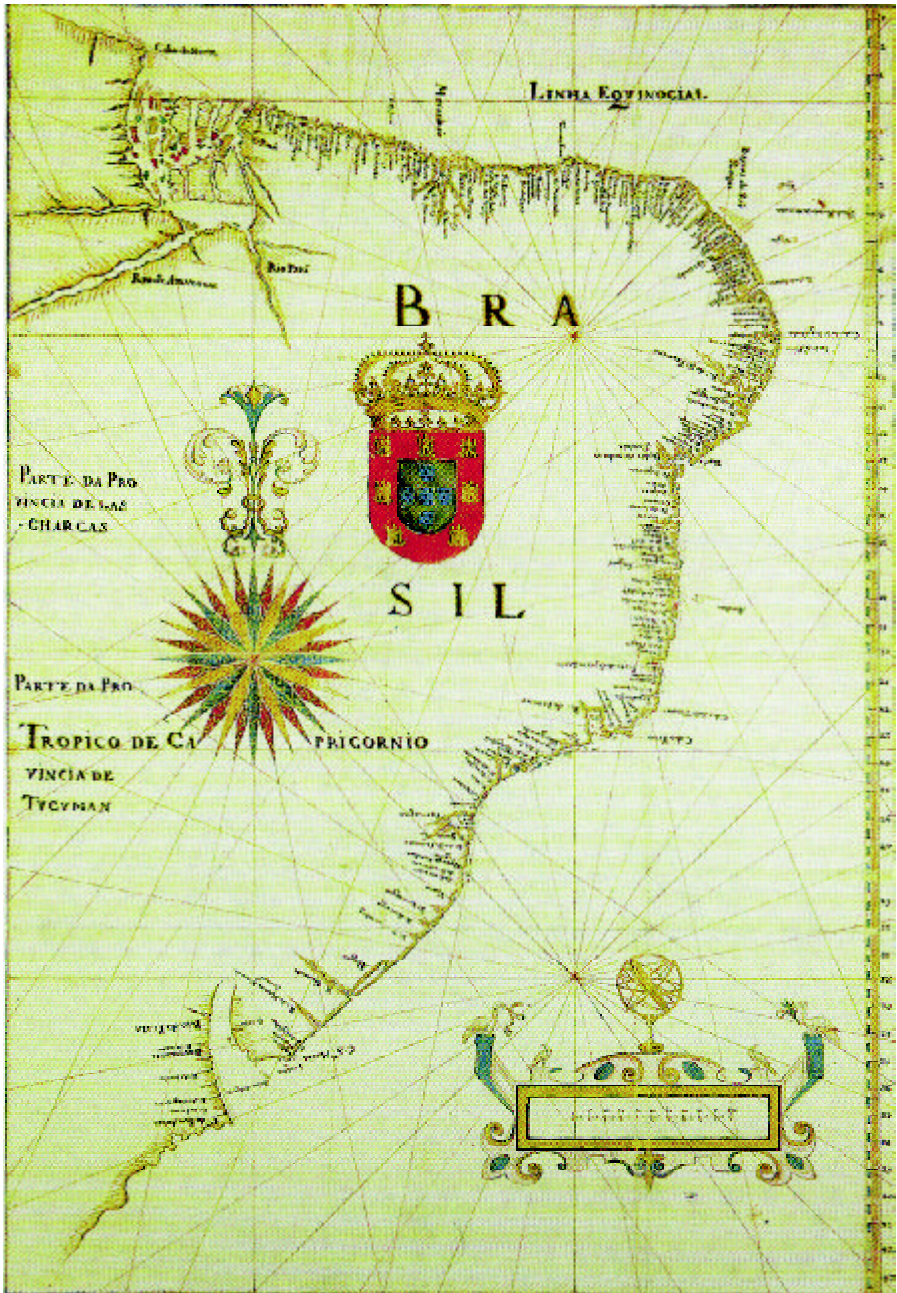
de 1608 a 1609. Nesta época sir Thomas Roe declarava conhecer melhor que ninguém a região entre o Amazonas e o Orinoco. E os capitães William Clovel e Thomas Tyndall exploravam a margem guianense do Amazonas, na região ocupada pelos tapujus<sup>39</sup>.

Os holandeses teriam começado a visitar a região norte por volta de 1598. Logo havia plantações e fortes holandeses no Xingu, chamados de Orange e Nassau. Por volta de 1610 tinham feitorias também entre o Jari e Macapá na região dos tucujus.<sup>40</sup> Em 1616, Jan de Moor, burgomestre do grande porto de Flessinga, chefiava companhia holandesa para explorar estabelecimentos na Amazônia. Pieter Ariansson foi instalar-se próximo ao rio Jenipapo, criando uma colônia e um forte.<sup>41</sup>

Em 1623 Luís Aranha de Vasconcelos, ajudado por Bento Maciel Parente, atacou e destruiu dois fortes holandeses, Muturu e Mariocai, na margem direita do Amazonas. Na confluência do rio Cajari, Ariansson naufragou e explodiu seu navio. Aí Bento Maciel construiu outro forte, que em outubro de 1623 o holandês tomou e queimou<sup>42</sup>; em lugar do forte Mariocai fez Bento Maciel construir o forte de Santo Antônio de Gurupá

A 28 de agosto de 1613 James I deu a Robert Harcourt, Sir Thomas Challoner e John Rovenson o território entre o Amazonas e o Essequibo. A 3 de abril de 1626 fazia a mesma concessão a Harcourt e Roger North; em 16 de maio de 1627 a transferia ao duque de Buckingham, ao conde de Penbroke e a 52 associados numa companhia que se propunha a colonizar a Guiana, inclusive o rio das Amazonas. North, o homem de campo, representante do duque, diz que derrotou os portugueses em 1622, na margem esquerda do grande rio.<sup>43</sup>

Holandeses e ingleses, agindo em conjunto, têm um período de intensas atividades. Nikolaas Oudaen, escoltado pelo almirante Lucifer, construiu o forte de Mandiutuba. Pedro Teixeira, que acabara de conquistar os fortes holandeses do Xingu, em 23 de maio de 1623 atacou em duas colunas, pelo rio e por terra, obrigando os invasores a se refugiar com os ingleses na província dos tucujus — isto é no futuro



João Teixeira Albemaz, o moço, 1666;  
a margem esquerda do Amazonas, na foz, aparece com uma direção sulnorte

Amapá Foram ao Cajari onde os ingleses possuíam dois fortes, Tiletile e Uarimiuaca, e plantavam tabaco. No caminho viram o navio de Pieter Janss, ancorado diante do forte dos irlandeses na confluência do rio Tauregue (Maracapucu)<sup>44</sup>. Em Tauregue viviam ingleses e irlandeses, liderados por Bernard O'Brien.

Em 1625 novamente Pedro Teixeira derrota a aliança, destruindo os dois fortes e capturando Oudaen e o capitão irlandês James Purcell<sup>45</sup>. Escaparam quarenta e seis holandeses sob o comando de Pieter de Bruyne, que desceram o Amazonas, subiram a costa até Oiapoque e aí foram resgatados por Lucifer em 1627. Purcell foi conduzido à Espanha por Bento Maciel Parente — que tentou enforcá-lo, sem conseguir — e voltou ao forte Tauregue em abril 1628 com 112 colonos, tentando plantar tabaco<sup>46</sup>. Depois de um ataque em junho por Pedro da Costa Favela, em 24 de outubro de 1629 Pedro Teixeira, depois de um mês de cerco, conseguiu sua rendição. Deixando a Aires de Sousa Chichorro o encargo de arrasar o forte<sup>47</sup>, Teixeira voltou a Gurupá

Pouco depois Roger North, com dois navios, o atacou. Repellido, se fixou entre o Matapi e o Anairapucu, construindo o forte que os portugueses chamaram de Filipe. Este foi destruído em 1<sup>a</sup> de maio de 1631 pelo governador Jácome Raimundo de Noronha.

Mas os ingleses haviam se fixado no Cumaú. Em 9 de julho de 1632 Feliciano Coelho de Carvalho tomou o forte; seu comandante, Roger Frey, voltando do cabo Norte, foi abordado a 14 por Aires de Sousa Chichorro. Ainda uma vez o forte foi arrasado.<sup>48</sup>

### *La Ravardière*

No fim do século XVI, um francês, Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, consegue falar ao seu rei de um projeto mais amplo. Ele era um homem do Poitou, isto é da região do Loire, terra longe do mar, mas casado com uma herdeira normanda, gente de Saint Malo e do Mont Saint Michel, terra de navegadores.<sup>50</sup>



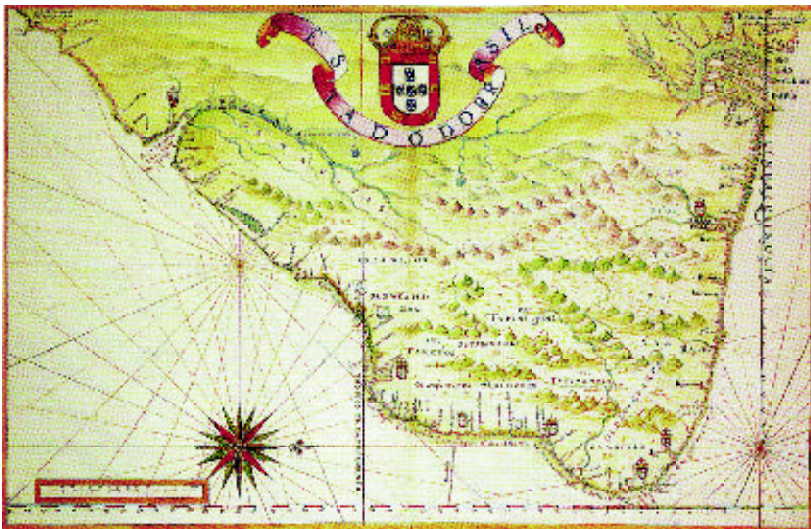
*Janssonius, sé. XVII; apesar de exatíssima, esta carta não mostra a boca do Amazonas; em compensação assinala a cidade de Nazaré e a colônia estabelecida pelos enviados de João de Barros, talvez o primeiro estabelecimento português na Amazônia*

O rei de França é Henrique IV, Henrique de Navarra, o bravo gascão que sobreviveu à terrível noite de São Bartolomeu, quando o sangue dos protestantes transformou o rio Sena na cor do vinho. Sucessivamente protestante e católico, ao sabor da violência, Henrique era um pragmático e um estrategista. Em 1598 firmou o Édito de Nantes, decreto que obrigava à convivência pacífica entre as religiões, decisivo no fim da mortandade que se abatera sobre a França. Foi fácil para ele aceitar a ideia de uma exploração sistemática das terras ao sul das Caraíbas.

Em 1602 ele nomeia o governador de Rennes, René Marie de Montbarrot, lieutenant-général na Guiana. Este fidalgo estabelece um contrato de associação com La Ravardière no direito de armar e embarcar 400 homens para tomar posse e organizar futuras colônias na região em torno à boca do rio das Amazonas.

Partindo em 12 de janeiro de 1604, de Cancale, em dois navios, La Ravardière chega à região amazônica no dia 8 de abril. Ancora perto do cabo Caciporé De lá vai à Terra de Yapoco, habitada por índios inimigos dos de Caiena e governados por Anacaiouri; com eles permanece de 9 a 15 de abril. Segue até o rio Caiena, onde fica até 18 de maio. A 15 de agosto está de volta. Traz o usual: muita madeira, especialmente o pau-brasil, algodão, peles de animais, centenas de papagaios, e homens do Brasil. Entre os índios está Itapucu, vindo da serra do Ibiapava (hoje entre Piauí e Ceará), que viverá os próximos anos como um verdadeiro aventureiro francês, atravessando várias vezes os mares<sup>51</sup>. E entre os franceses estava outro curioso personagem, Jean Mocquet, que tomará conta, mais tarde, do Gabinete de Singularidades do rei de França, e fará uma narrativa muito confusa desta viagem.

A 3 de julho de 1605 Henrique IV nomeia La Ravardière *lieutenant-général* das costas do Amazonas e deste rio até a ilha de Trindade. Mas não é fácil montar a expedição. Em 1609, depois do rei confirmar seus poderes, uma nova expedição parte para o Maranhão,



João Teixeira Albernaz, o velho, 1631;  
neste mapa muito importante, aparece o Padrão de  
Demarcação entre Portugal e Castela e o R. de V. Pinzón

onde decidiram se estabelecer. Lá passam seis meses. Os longos contatos estabelecem uma aliança com os tupinambás da futura ilha de São Luís. Embora na costa um ataque de índios liderados pelo português Martim Soares Moreno mate grande parte dos soldados, Daniel de La Touche volta cada vez mais entusiasmado.

Traz consigo dois embaixadores tupinambás para apresentar ao rei sua submissão. Mas a morte ronda. Os índios não resistem à viagem. O rei Henrique, o Vert Galant, cai ante o punhal de um pobre de espírito, Ravailac, alucinado por visões religiosas.

O novo rei, Luís XIII, é um menino de nove anos, maltratado e abusado ao limite do imaginável. O governo nominal era de sua mãe, Maria de Médicis, a regente. A rainha-mãe era completamente dominada por sua camareira, que trouxera da sua Florença natal, com o seu marido, Concini, o verdadeiro chefe do governo. Com este foi muito difícil reunir o dinheiro necessário para a grande expedição final.

Mas desde primeiro de outubro de 1610 uma carta patente reconhece os direitos *de La Ravardière de La Touche, seu lugar-tenente-geral na terra da América, desde o rio das Amazonas até a ilha da Trindade, que teria feito duas viagens diversas às Índias para descobrir portos e rios próprios para abordar e estabelecer colônias, o que teria tão felizmente sucedido que, tendo chegado naquelas bandas, tinha facilmente disposto os habitantes das ilhas do Maranhão e da terra firme adjacente vista por ele tupinambás, tabajaras e outros a buscar nossa proteção...*<sup>32</sup> Para obter os recursos, ele cria uma companhia financeira, e finalmente se associa a François de Razilly, nobre da região de Tours, vizinha ao seu Poitiers. A associação é aprovada por um decreto de 1611. A eles se junta o barão de Molle e de Gros-Bois, Nicolas de Harlay, senhor de Sancy.

Na nave *Régent* eles partem a primeiro de março de 1612. Levam consigo quatro capuchinhos, chefiados pelo padre Yves d'Évreux, que deixará como o padre Claude d'Abbeville, deliciosa narrativa. A 26 de julho chegam ao Maranhão. Aqui estabelecem a colônia que vai controlar a boca do rio das Amazonas e as terras ao norte, até Caiena, visitadas por La Ravardière em abril de 1604. A Amazônia — e o nosso Amapá — é francesa.